

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 39 — VOL. II.

Sabbado 25 de Setembro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Galeria historica, continuação — A cidade d'Angra do Heroismo — O consorcio da princeza real d'Inglaterra — A cidade de Presburgo — A ilha de Labuan — A festa branca — Lições para maridos, continuação — Zelos. GRAVIURAS — Malek-Adel — O principe Frederico Guilherme de Prussia e a princeza real d'Inglaterra — A cidade de Presburgo — Enigma.

Historia da actualidade.

Os jornaes francezes publicam uma interessante estatistica dos recentes naufragios, de que ha noticia. E' a seguinte:

Em Janeiro tiveram logar cento e cinquenta e quatro; em Fevereiro, cento e sessenta e dois; em Março, cento e setenta e nove; em Abril, cento e quarenta e dois; em Maio, cento e vinte e oito; em Junho, cento e dois; em Julho, cento e um; e em Agosto cento e doze. Total n'estes oito mezes, mil e oitenta.

O coronel francez, Charras, que conta mais de cincoenta annos de idade, vae casar-se com uma rica herdeira da Alsacia, filha de mr. Kestner, fabricante de productos chymicos em Thann, e que occupa nas suas fabricas quatro mil operarios.

A Inglaterra obteve dos chins a permissão de ter constantemente um embaixador em Pekin; e a promessa da revisão da pauta das alfandegas chinezas.

Lord Elgin e o almirante Seymour partiram para o Japão.

As grandes manobras do campo de Chalons foram adiadas para os primeiros dias de Outubro, por causa do imperador dos francezes se demorar até essa epoca em Biarritz.

Certifica-se que o governo francez demorará nas aguas da China todas as canhoneiras que actualmente ali tem, e tambem um corpo de infantaria até que o tratado de Tien-Tsing haja recebido sua completa execução.

Corre noticia de se achar definitivamente resollvida a questão da regencia na Prussia. O principe real vae ser brevemente investido no titulo de principe regente.

O tratado da China com a França, segundo dizem os jornaes, foi ratificado pelo imperador do celeste imperio no dia 3 de Julho.

Afirma-se que no Japão vae ser derogado o edito de 1614 contra os christãos.

Dissolveram-se as côrtes em Hespanha, e convocaram-se novas.

— Em Carrara afundi-se uma pedreira de marmore, perecendo no sinistro cincoenta pessoas.

— O rei da Prussia, cuja saude peiora de dia para dia, passará o futuro inverno em Nisa.

— No dia 27 do corrente mez hade ter logar em Bruxellas a reunião do congresso artistico e litterario.

— O observatorio de Paris annunciou a apparição de dois cometas.

— Pelo tratado com a China, que já vem em caminho para Londres, os subditos inglezes poderão viajar por todo o imperio, munidos de passaportes.

— O senhor Isturiz foi nomeado embaixador de Hespanha junto á côrte de Londres, e já partiu para o seu destino.

— A casualidade reuniu este anno nos banhos de Dieppe os dois rivaes, marechal Pelissier duque de Malakoff, e o principe Gortschakoff, ministro da

guerra na Russia. O principe acaba de se dirigir a Inglaterra.

— O arsenal de Woolwich já aromptou, para a administração de guerra em Inglaterra, mil peças de calibre sessenta e oito, e varias outras de sitio, que se destinam a artilhar as costas do paiz.

— Em Stochkolmo rebentou a cholera morbus.

— Por decreto de 40 do corrente permittiu-se a livre introdução de trigo, centeio, e cevada, em grão, farinha, e pão cosido, pelos portos seccos e molhados dos districtos administrativos do Porto, Braga, Vianna, Villa Real e Bragança até ao fim de Maio de 1859.

— A crise financeira americana, do anno passado, causou ao commercio de Manchester a perda de 270.000\$000 de réis.

— No Porto, a exemplo dos fabricantes de Lisboa, reúne-se a classe industrial para indicar ao governo as modificações que reputa necessarias nas pautas.

— Em Coimbra procedeu-se no dia 14 do corrente á inauguração das obras que se vão fazer na rua de Coruche, que muda o nome para o de Visconde da Luz. Assistiu a este acto grande concurso de espectadores, as autoridades da cidade, e a philarmonica conimbricense. Depois da funcção houve um esplendido almoço na casa da camara.

— Já chegou a Coimbra grande porção do fio electrico que hade ligar a dita cidade com a de Vizeu.

— Vae fazer-se uma ponte sobre o rio Alva, entre Arganil e Sarzedo. A camara de Arganil offerceu para esta obra tres mil jornaes de trabalhadores, e duzentos setenta e um jornaes de bois; ou o equivalente na razão de cento e sessenta réis por cada trabalhador, e quatrocentos e oitenta réis por cada boi.

— Ultimamente tem progredido com actividade os trabalhos de melhoração da barra do Porto. O senhor visconde da Luz assistiu ao quebramento das pedras das Forcadas.

— A camara municipal do Porto, por falta de meios, decidiu não fazer festejos no dia anniversario de el-rei; porém os vereadores deram á sua custa n'este dia um jantar aos presos da cadeia da relação, e aos asylos de raparigas abandonadas, de pobres, e meninos desamparados.

— Vae formar-se mais uma cidade na Siberia, na confluencia dos rios Sei e Amor. Dar-se-lhe-ha o nome de Blogowitchensk.

— Em S. Petersbourg houve explosão de um payol, que matou trinta homens, e destruiu alguns edificios.



Malek-Adel.

— A comissão de delimitação das fronteiras montenegrinas embarcou em Ragusa para Constantinopla, onde vai terminar os seus trabalhos.

— O ministro da policia de Napoles mostra por uma circular que dirigiu ás autoridades da fronteira, que se recia ali a introdução de bombas fulminantes. Consta que se tinham enviado para Malta, d'onde se transportariam para Napoles.

— Parece que o governo francez tenciona comprar o grande barco *Leviathan*, porque os accionistas estão dispostos a vendel-o visto que para o pórem a nado exauriram o capital social.

— O cabo transatlantico submarino acha-se ainda interrompido.

— O principe Napoleão projecta colonisar a Argelia aproveitando o grande numero de familias alemãs, que todos os annos costumam emigrar para a America.

— Diz-se que todos os portos da costa de Argel vão ser declarados portos francos.

— Mr. Eugenio Lefevre vai começar a distribuição de uma collecção de vistas photographicas dos logares e monumentos mais notaveis de Portugal. As vistas serão quarenta, em estampa de quarenta centimetros de alto e trinta de largo.

— A rainha de Inglaterra, por occasião da sua visita á corte de Berlin, distribuiu por os altos personagens d'aquelle estado, caixas para tabaco, aneis, e outras prendas, em vez das condecorações que elles esperavam.

— Por occasião dos cumprimentos a el-rei o Senhor D. Pedro v pelo seu anniversario, compunha-se a guarda de honra ao paço, do regimento de infantaria n.º 10, e o novo batalhão da nossa colonia de Ulha. As mulheres d'estes soldados que marcham para o ultramar trajam uniformemente saiotas azues, com corpetes da mesma cor acostellados de encarnado, e chapcos de palha com fita azul.

— A molestia das beixigas está fazendo estragos em Vizeu, não só na infancia, como nos adultos.

— No anno economico de 1857-1858, exportaram-se pela barra do Porto dois mil cento vinte e quatro bois, no valor de 135.000\$000 réis.

— Desde o 1.º de Janeiro até 31 de Agosto, exportaram-se pela barra do Porto onze mil novecentas e setenta pipas, dezenove almudes, e quatro canadas de vinho.

— O senhor Narciso da Silva, architecto da casa real, trouxe da provincia uma gallinha, que em vez de pennas tem cerdas de porco, e as azas são formadas simplesmente pelos canos das pennas. A cabeça parece de quadrupede.

— O commando em chefe da expedição que está embarcando no Ferrol contra Marrocos, foi confiado ao general Prim, conde de Reus.

— Descobriu-se no Punjab nova conspiração em que tomavam parte os regimentos 18 e 76.

— O senhor João Leite Palhares concluiu o retrato equestre de sua magestade el-rei que estava lithographando. Em o nosso numero antecedente apresentámos a prova d'este esmerado trabalho artistico.

— O senhor F. A. da Silva já fez publico o primeiro fasciculo do novo dicionario da lingua portugueza, de que é editor proprietario, e cujo collectionamento, augmento, e revisão foi commettido ao senhor D. José de Lacerda. Este dicionario sairá completo por quatro mil e quinhentos réis a quem subscrever para elle até ao fim do corrente anno, pagando as nove series em que se subdivide pelo preço de quinhentos réis á entrega de cada uma.

— O governo russo planeou uma rede completa de vias ferreas, e confiou a construcção de todas a uma companhia, garantindo aos capitães empregados o juro de cinco por cento.

— Ha n'aquelle imperio uma sociedade de navegação por vapor, e de commercio; uma companhia americano-russa; e sociedades de navegação por vapor no Volga, e no mar Negro.

— Nas industrias especiaes teem igualmente os russos formado associações por capitães. Ha uma de 250000 rublos para fabrico de papel de escrever; outra, de 180000 rublos para fabrico de tapetes; uma fabrica de diversos estofos, com o capital de 750000 rublos; uma officina, com o capital de 450000 rublos, para fabricar sabão e velas.

— No dia 30 do corrente, ultimo das noites do Passeio Publico, haverá ali o beneficio do asylo da Conceição das raparigas abandonadas.

— Fugiram varios presos da cadeia de Valença, auxiliados pela sentinella, porém já teem alguns sido novamente apprehendidos.

— Abateu o tecto e telhado do salão que a camara municipal de Braga acabava de fazer construir, na cerca dos congregados, para aula de ensino primario pelo methodo Castilho. Felizmente não houve maior desgraça a lamentar.

— Inaugurou-se no Porto, no dia 15 do corrente, a nova rua 15 de Setembro, que parte do largo da Aguardente, e termina na Povoa. Esta obra foi feita por subscrições.

— As vindimas no Douro estão no seu auge.

Galeria historica.

— Continuação.

MELIK-EL-ADEL (MALEK-ADEL.)

Malek-Adel, sultão do Egypto e de Damasco, da dynastia dos Ayoubidas, tinha toda a ambição e talento do celebre Saladino, de quem era irmã mais novo. Tendo sido por este nomeado governador do Egypto, armou navios e organiso esquadras que empeceram a gloria de Reynaldo de Chatillon no mar Vermelho, e venceram na Arabia o temivel e emprehendedor cruzado, pondo indestructiveis barreiras á projectada conquista de Medina e de Meca.

Quando em 1187 Jerusalem abriu suas portas a Saladino, commoveu-se o coração do heroe em presença das desgraçadas familias christãs que a sorte da guerra obrigava a abandonar a cidade santa, vinte e quatro annos depois da sua conquista pelo esforçado Godofredo de *Bouillon*. Contam historiadores arabes que, por esta occasião, o principe resgatara á sua custa mais de dois mil captivos christãos, que deviam aliás ser passados ao fio da espada vencedora.

Este rasgo, porém, de piedade, não significava que o heroe infiel não fosse o mais acerrimo inimigo da christandade. No cerco de S. João d'Acre deu não poucas provas do odio que votava aos christãos, fazendo longa e resistente defesa ás forças alliadas de Philippe Augusto e de Ricardo Coração de Leão.

Muitos escriptores teem comparado, com razão, o cerco de S. João d'Acre ao famoso cerco de Troya. Os guerreiros christãos e os musulmanos provocavam-se muitas vezes a combates singulares, imitando os antigos heroes de Homero; e diferentes mulheres armadas mais de uma vez disputaram aos guerreiros o arduo caminho da gloria.

Durante este cerco foi Malek-Adel encarregado por Saladino d'entrar em negociações com Ricardo d'Inglaterra; e os chronistas arabes referem, quasi todos nos mesmos termos, que os principes chegaram a concordar n'um tratado em que os interesses de Malek-Adel eram essencialmente respeitadas; tanto este soubera manejar, em face da avidez ingleza, os negocios do seu paiz.

Foi-lhe proposta—coisa extraordinaria mas verdadeira—a mão da bella viuva de Guilherme da Sicilia. Os esposos deviam reinar em paz em Jerusalem. O historiador Baha-Eddin foi encarregado de submeter á approvação do sultão este casamento; e o sultão adoptou a idéa sem a menor repugnancia, contanto que a paz fosse garantida pelos inglezes ao reino de Jerusalem; porém, apesar d'isso, o tratado ficou sem execução porque a rainha da Sicilia, insinuada pela corte de Roma, que protestava contra semelhante alliança, declarou que não accetteria por marido o principe sem elle ter primeiro abjurado o islamismo. Outros escriptores negam esta insinuação da corte romana contra os projectos da Inglaterra; mas as fracas razões que apresentam não merecem credito.

Seja, porém, como fór, alguma amizade ficou existindo entre Malek-Adel e Ricardo Coração de Leão,—sem desar dos interesses reciprocos—como o prova o magnifico presente feito pelo primeiro—dois bellos cavallos arabes—quando o segundo, socorrendo Jaffa, ali realisou taes prodigios de va-

lor que commoveram o coração do principe infiel.

Pouco tempo depois, valha a verdade, os cruzados foram admittidos á mesa de Saladino; e os principes e emires musulmanos aos festins dos principes christãos.

No fim d'aquelle seculo era tanta a fama da cavallaria, tinham-lhe seus feitos dado tal prestigio mesmo entre os infieis, que Saladino, sentindo vivos desejos de estudar-lhe os estatutos, persuadiu a Malek-Adel que enviasse seu filho mais velho ao rei d'Inglaterra, para que o joven principe musulmano fosse recebido cavalleiro na assemblea dos barões e principes christãos.

Entretanto morreu Saladino sem que tivesse regulado a ordem de sua successão. Um de seus filhos, que governava o Egypto, proclamou-se sultão do Cairo; outro apoderou-se do principado d'Allep; outro do governo de Damasco; a confusão principiou: a subdivisão do imperio ameaçava enfraquecel-o. Malek-Adel limitou-se a fazer-se co-roar soberano de parte da Mesopotamia e d'algumas das principaes cidades do Euphrates, dando aos principes e emires exemplo de moderação na sua provada experiencia dos negocios politicos.

Os guerreiros que tantas vezes tinha guiado ao combate, os povos que sua clemencia tanto tinha maravilhado, invocavam nos revezes o seu nome, como se fosse o de um deus.

Aproximava-se o dia, marcado pela Providencia, em que o irmão de Saladino devia reunir, sob o mesmo sceptro, todas as provincias conquistadas pelo celebre sultão. Desde a partida de Ricardo Coração de Leão, a ambição a inveja e o ciúme tinham dividido os templarios. No meio de tão fataes dissensões, tornava-se de dia a dia mais perigosa a sorte dos christãos da Palestina, e em vão estes infelizes appellavam para nova cruzada libertadora.

Entretanto no anno de 1197 aproximou-se uma formidavel esquadra, que vomitou nas praias da Palestina terriveis e numerosos guerreiros alemães. Malek-Adel era a providencia dos seus. Vestiu de novo as armas, e com o exercito partiu para Jerusalem d'onde em breve se poz em marcha para Jaffa, ameaçada pelas cohortes alemãs.

Quando constou em Ptolomeu que a cidade de Jaffa estava cercada, Henrique de *Champagne*, á frente de seus esforçados barões, correu a defendel-a. Estavam a ponto de reunir-se as ordens militares de cavallaria para o mesmo fim; mas a morte repentina do rei de Jerusalem, esmagado por uma jaella que por acaso se fechou, demorou por algum tempo a partida dos cavalleiros; e quando de novo se aprestavam para o combate, caiu em poder dos musulmanos a cidade, onde os vencidos foram passados á espada, sem excepção de sexo nem idade.

Similhante noticia enluctou por muito tempo a Palestina; mas a chegada inesperada de novos cruzados, que tinham vencido os moiros em Portugal, fez renascer a esperança no peito dos miserri-mos christãos.

A rival de Tyro, Beritha, que, pela sua posição geographica entre Jerusalem e Tripoli, se tornava interessante ponto de concentração nas lides que os novos cruzados se propunham, sobre offerecer-lhes vantagens superiores em consequencia do seu magnifico porto, foi por elles logo energicamente assaltada.

Se convinha aos christãos tomar tal posição, não menos aos musulmanos importava defendel-a: por isto faz-se idéa do muito sangue que similhante assedio custou! Era ali que os musulmanos tinham amontado os seus mais illustres captivos, pelos quaes esperavam lucrativo resgate.

Impetuoso, como o leão que salta no antro ao ouvir o grito da fema agredida, Malek-Adel correu, ao clamor da cidade cercada, a defendel-a impavido. Os exercitos encontraram-se nos plaios banhados pelo ribeiro Eleuther, entre Tyro e Sidon. O combate foi encarnicado. Muitas vezes os musulmanos, desbaratando fileiras christãs, deram á victoria mais risonha face, do que os cruzados com pesar lhe descobriam pelo desanimo d'alguns dos seus: mas onde brilha a cruz e sob um grito de liberdade, os poucos fazem-se muitos—que muito é a vontade determinada, embora outras forças nos falem, com tanto que a fé nos assista.

Corria o ribeiro tinto de sangue; estavam semeados de cabeças humanas os valles, e já do cume das montanhas desciam nuvens d'abutres, impacientes pelo festim que na terra lhes preparavam.

Reconcentrada a cavallaria christã, sob o commando de um bravo portuguez, Hermigues Salazar, atravessa á brida solta pelo exercito já dizimado, e cae sobre Malek-Adel, cujas forças desbaratou, e com tal furia proseguiu accommettendo, que só ao vigor e velocidade do corcel deveu aquelle principe a vida n'esta memoranda batalha.

O grito de victoria souo pelos reconceavos das montanhas, e foi longe, perseguindo os fugitivos, para gloria das armas christãs, e terror d'elles. Depois d'esta conquista, as cidades da costa da Syria foram, pouco a pouco, desanimadas, caindo em poder dos christãos; e Beritha abriu as portas ao vencedor.

A cidade estava cheia de thesouros. Nove mil captivos, impacientes por vestirem as armas contra seus oppressores, recuperaram a liberdade.

Um anno depois (1198) Malek-Adel voltou; mas d'esta vez não foi mais feliz: redobrando os prodigios de valor no seu duplo dever de soldado e general, a victoria foi-lhe contraria.

Por este tempo, André, rei da Hungria, acompanhado dos duques de Baviera e d'Áustria, desembarcou em Beritha á frente de grande exercito, augmentando o terror dos infieis. A palavra eloquente de Malek-Adel susteve o animo dos seus. Seguindo o conselho da experimentada sciencia do sultão, os exercitos infieis concentraram-se no fundo do Egypto e da Syria.

Tres mezes depois, o rei da Hungria, cansado de esperar n'um terreno abrasador pelo inimigo, que lhe não apparecia; tendo de defender-se de cattervas de feras que o assaltavam, desesperou do exito da cruzada e voltou para seus estados.

Pelos fins do anno seguinte, começou Malek-Adel a soffrer de algumas feridas que tinha recebido, fallecendo em breve. A espada da religião, (*Seif-Eddin*) como lhe chamavam os bons musulmanos, já não existia; mas a fama sobreviveu-lhe no Oriente quasi até aos nossos dias, para exemplo e lição d'esses orgulhosos sultões. Os historiadores orientaes narram constantemente suas virtudes, e alguns christãos, que escreveram a respeito do heroe, acrescentam com pesar: *que de certo não teremos o gosto de encontrar no ceo.*

Deixou quinze filhos soberanos de outras tantas provincias; e tal era o seu prestigio, que nunca, em sua vida, algum d'esses soberanos ousou transtornar pela cubicia ou ambição o duplo respeito que como pae e sultão sabia inspirar-lhes. Conservou a paz na familia, a disciplina no exercito, e se não conseguiu sempre a victoria para o Oriente, ao menos deu-lhe a felicidade.

Continua.

A cidade d'Angra do Heroísmo.

A descoberta do archipelago dos Açores deve-se ao patriótico impulso dado pelo illustre infante D. Henrique á navegação do alto mar.

Gonçalo Velho Cabral, commendador de Almourol, na ordem de Christo, enviado por aquelle principe ao descobrimento de novos mares e novas terras, foi quem descobriu a primeira ilha d'aquelle archipelago aos 15 de Agosto de 1432, á qual deu o nome de Santa Maria, por ser este dia consagrado a festejar a Assumpção da Virgem.

Passados doze annos descobriu o mesmo commendador de Almourol a segunda ilha, que denominou S. Miguel, em memoria do dia em que a avistou.

Não se sabe ao certo o anno do descobrimento da ilha Terceira; mas é fora de duvida, que este successo teve lugar entre os annos de 1434 e 1430, pois que n'este ultimo fez o infante D. Henrique doação d'esta ilha a Jacome de Bruges; sabe-se que o seu nome lhe proveiu de ter sido a terceira na ordem das descobertas do grupo açoriano. Chamaram-se ilhas dos Açores pelas muitas aves d'este nome, que ali encontraram os primeiros navegantes.

Dividem-se estas ilhas em tres grupos: ao occidente as do *Corvo* e das *Flores*; no centro as do *Fayal*, do *Pico*, de *S. Jorge*, *Graciosa*, e *Terceira*;

e ao oriente as de *S. Miguel*, e de *Santa Maria*.

A ilha Terceira tem treze leguas de comprimento e seis de largura. A sua capital é a cidade de Angra.

A parte mais importante da sua historia diz respeito a duas epochas, em que Portugal se viu empenhado nas luctas gloriosas da sua independencia e liberdade. Quando Philippe II de Castella conseguiu assenhorear-se de Portugal pela força das armas, e mais ainda pelas desgraças, que anteriormente tinham enfraquecido o paiz, e quebrantado o alento dos portuguezes, a ilha Terceira, affrontando o poder do monarcha castelhano, resistiu por muito tempo com heroico valor ás suas armadas; e nas guerras da restauração da nossa independencia, depois de receber o governo do legitimo rei, tambem se assignalou pela sua lealdade e coragem.

A outra epocha é dos nossos dias. Não ha ahi por certo quem ignore, que a liberdade, perseguida e desterrada do continente do reino, ali se foi acoirar e robustecer. Devem estar ainda presentes na memoria de todos, os actos de extremado valor, e de patriótica dedicação, de que foi theatro aquelle baluarte da fidelidade portugueza desde a memoravel batalha da villa da Praia em 11 d'Agosto de 1829, até á saída da expedição, que, sob as ordens do immortal duque de Bragança, veio plantar nas praias do Mindello o invicto pendão da liberdade (8 de Julho de 1832).

Angra, que el-rei D. João III elevou á categoria de cidade em 1533, e á qual o magnanimo libertador, sendo regente na menoridade de sua augusta filha, deu o honroso epitheto do *Heroísmo* como brasão das gentilezas d'armas, que ali obraram os seus intrepidos defensores, está situada na costa do sul da ilha em uma bahia ou angra, de que derivou o seu nome. É formada esta bahia por dois cabos, que entram pelo mar, um a leste, e o outro a oeste, distantes entre si um quarto de legua, e outro tanto da cidade. Defendem o porto as fortalezas de *S. João Baptista*, e de *Santo Antonio* na ponta de oeste, e a de *S. Sebastião* na de leste. A primeira d'estas é a principal. Edificada sobre um alto e negro morro de rochas escarpadas, e a cavalleiro da cidade, o qual é limitado a leste pela bahia d'Angra, ao sul pelo mar, ao poente pela bahia do Fayal, e ao norte por uma especie de istmo, que separa as duas bahias, constitue uma praça de guerra forte por arte, e fortissima pela natureza. O morro que lhe serve de base chama-se *Monte-Brazil*.

Este grande castello, primitivamente denominado de *Santo Antonio*, passou a chamar-se de *S. Philippe* no tempo de D. Philippe II de Castella, que o melhorou e augmentou; e pela restauração de 1640 foi-lhe outra vez mudado o nome no que ao presente tem, em obsequio a el-rei D. João IV. No seu extenso ambito ha importantes terras lavradas, que, no caso de apertado cerco, podem fornecer o necessario alimento á sua guarnição. Ha n'elle uma capella da invocação de *S. João Baptista*; e entre a muita artilharia de bronze, que o defende, existia, e julgamos que ainda se conserva, a grande peça de Malaca, tropheo da gloriosa conquista da cidade d'este nome.

Na ponta d'esta pequena península, ao nivel da agua, está o forte de Santo Antonio.

O porto d'Angra é limpo, de boa ancoragem, e com a capacidade para receber muitos navios, que ahi acham abrigo de todos os ventos menos do de sueste, que, entrando de travessia, levanta grosso mar, e obriga as embarcações a demandar o largo.

A cidade está edificada com bastante regularidade. As ruas são largas, direitas, bem calçadas, limpas, e guarnecidas de casas de boa apparencia com seus passeios de lagado. Tem muitas casas nobres, bons templos, e alguns grandes edificios publicos. Entre os segundos figuram em primeiro lugar a sé, e depois a misericórdia. D'entre os ultimos avultam o palacio do governo civil, e a alfandega.

É a sé um vasto templo construido de excellente pedraria, e bem ornado interiormente. Foi obra d'el-rei D. Sebastião, que no anno de 1569 fundou esta igreja e o convento contíguo, a expensas do estado, para collegio da companhia de

Jesus. Pela extincção d'esta ordem, no reinado de el-rei D. José, foi transferida a cathedral, do antigo templo edificao por el-rei D. João III em 1534, para a igreja dos jesuitas.

A igreja e hospital da misericórdia estão situados em frente de um bello caes. É um templo grande, de architectura moderna, com duas torres no frontispicio. Do caes, que é de cantaria, sobem duas escadas de pedra com grades de ferro, que vão terminar em duas portas, que saem para o largo da misericórdia, deixando entre ambas um espaço em cujo fundo se vê uma bonita fonte encostada á parede.

A casa da alfandega fica ao lado da misericórdia. É um vasto edificio modernamente construido, e tão perfeitamente adaptado ao seu fim, que, depois do da alfandega grande de Lisboa, não o ha melhor no reino e nas suas provincias ultramarinas.

O palacio do governo civil era a antiga residencia dos capitães generaes, primeira autoridade militar, que governava em todo o archipelago. É um palacio de grandes dimensões, de solida construcção, e de agradável aspecto. Toda a frente principal é occupada pelo general commandante d'aquella divisão militar, e pelas repartições respectivas. Na parte que deita para o jardim estão as repartições do governo civil. O jardim é bastante espaçoso e muito aprazível. Decoram-no varios lagos, bellas arvores, e muitas flores.

Encerrava esta cidade, antes da extincção das ordens religiosas, além de seis parochias, setenta conventos, tres de frades e quatro de freiras. Os primeiros eram: o de Nossa Senhora da Guia, de franciscanos, fundado no seculo XVI; o de eremitas de Santo Agostinho, edificado em 1584; e o de Santo Antonio de recoletos, fundação do mesmo seculo. Os segundos: S. Gonçalo, de religiosas de Santa Clara; Nossa Senhora da Esperança, da mesma ordem; S. Sebastião, de capuchas; e o de freiras da Conceição.

Ha na cidade dois passeios publicos: um mais central e pequeno, dividido em ruas de arvoredo; o outro é um grande campo, chamado de *Gasão*, apenas com arvores em torno.

Os arrabaldes de Angra são mui arborizados e formosos. Ao occidente da cidade, entre o mar e as serras, que se erguem na sua visinhança, estende-se pelo espaço de uma legua de comprimento, e meia de largura, a deliciosa veiga da *Terra-chã*, povoada de varias quintas e casas de campo, e fertilizada por muitas fontes de boas aguas. De todas as quintas dos suburbios da cidade estrema-se a do senhor José do Canto. Plantada ao gosto inglez; enriquecida com uma numerosa e magnifica colleção de plantas exóticas; assombreada por bom arvoredo; e abundantissima d'aguas, que se represam em lagos, ou brincam em saltos e repuxos, esta formosissima vivenda podia servir de adorno aos arrabaldes de qualquer das capitães da Europa.

A cidade d'Angra é sede episcopal desde o anno de 1534, em que foi erecto pelo papa Paulo III o bispado dos Açores com o titulo de bispado d'Angra, sufraganeo do patriarcha de Lisboa. Tambem esta cidade é assento de um tribunal da relação.

Angra era, ainda não ha muitos annos, a capital de todas as ilhas dos Açores; porém hoje apenas o é de um dos dois districtos administrativos em que modernamente se dividiu aquelle archipelago. No antigo systema tinha voto em côrtes, com assento no banco primeiro.

Abundante de todos os generos necessarios á vida, e de muitos que são do regalo para as classes abastadas, faz um commercio importante de exportação para o continente do reino, e para Inglaterra. Os principaes objectos d'este commercio são cereaes, legumes, e laranjas.

O seu brasão d'armas (*) é um escudo esquartellado de branco e vermelho; sobre o vermelho tem uns braços empunhando espadas; e sobre o branco tem umas pombas. No centro vê-se um escudete com as quinas. Tem por timbre corôa e um braço armado de espada.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Infeliz é o homem, que não têm invejosos.

(*) Vide o n.º antecedente.



O príncipe Frederico Guilherme, da Prussia, e a princeza real d'Inglaterra.

O consorcio da princeza real d'Inglaterra.

No momento em que a alliança da França com a Grã-Bretanha, estremeçada d'improviso, afrouxava de dia para dia, ameaçando acabar n'um rompimento; quando as relações d'esta ultima se achavam para com a maior parte das potencias da Europa, da America, e da Asia, ou tão frias, que tocavam nas raia da indifferença, ou tão acriminosas, que revelavam a existencia de profundos rancóres; no momento, emfim, em que todas estas malquerenças, e a guerra da China, e a lueta gigantesca travada com a India, accumulando no presente difficuldades sempre novas e graves, carregavam o futuro de negras côres, o consorcio da princeza real d'Inglaterra com o príncipe Frederico Guilherme da Prussia, herdeiro presumptivo da corôa, foi um acontecimento de grande transcendencia para a nação ingleza.

A alliança de uma potencia, como é a Prussia, não podia deixar de ser, em taes circumstancias, muito desejada e festejada na Inglaterra. Não se diga, que já lá vae o tempo em que as allianças matrimoniaes dos príncipes influam na politica das nações. O procedimento da mesma Prussia durante toda a guerra da Crimea, procedimento tão contrario ao voto nacional, e até tão opposto á politica que o seu governo segue ha já annos em relação á Austria, prova de sobejo, sem que seja mister procurar mais exemplos, quanto ainda hoje influem semelhantes allianças na politica dos governos.

Os inglezes professam, é verdade, o maior respei-

to e amor á sua rainha e aos seus príncipes; entretanto, esse grande alvoroço e entusiasmo, que elles, contra os seus habitos e genio, mostraram em tamanho grau por occasião d'aquelle successo, deverão attribuir em grande parte ás razões apontadas.

O dia 23 de Janeiro d'este anno foi pois para toda a Inglaterra um dia de festa nacional. Para Londres foi uma funcção de tão grande regozijo publico, que, apesar de ser n'uma segunda feira, o seu commercio, cuja actividade é proverbial, interrompeu o curso das suas transacções, e toda aquella immensa povoação abandonou, por assim dizer, o trabalho e os seus lares, para correr a presenciar e tomar parte na solemnidade do auspicioso consorcio da princeza real.

Todos os jornaes da epoca deram tão minuciosas descripções da pompa do cortejo real, do apparatus das ceremonias religiosas, da magnificencia das decorações do palacio de S. James, aonde se celebrou o casamento, das do paço de Buckingham, aonde teve lugar, depois da cerimonia nupcial, o almoço á côrte, e das do palacio de Windsor, destinado para os festejos reaes; as *Illustrações* e mais jornaes litterarios, publicaram em gravura tantas estampas das vistosas illuminações de Windsor, das galas da côrte, das ricas joias e alfaias mais notaveis do enxoval da real noiva, e dos soberbos e primorosos presentes, que lhe foram por esta occasião offerecidos, que lhe foram por esta occasião offerecidos, que na verdade seria abusar da paciencia dos nossos leitores, se entrassemos agora n'essas descripções tão vulgarizadas e sabidas.

Dando, porém, na estampa junta os retratos dos augustos consortes, que um dia deverão ser cha-

mados a occupar o throno da Prussia, transcreveremos aqui as palavras, que o príncipe dirigiu á sua esposa, depois de haver respondido em voz alta ás perguntas que lhe fez o arcebispo primaz seguindo os ritos da religião protestante.

O príncipe, tomando a mão da noiva, disse-lhe pois: *Eu, Frederico Guilherme Nicolau Carlos, recebo a vós, Victoria Adelaide Maria Luiza, por minha legitima mulher, para sermos indissolvelmente unidos para sempre desde este dia, e feliz ou desgraçado, rico ou pobre, doente ou são, para vos amar e vos querer até que a morte nos separe, conforme ás santas leis de Deus, em cuja fé vos empenho a minha vida.*

Depois enfiando-lhe no dedo o anel conjugal, accrescentou, alteando a voz: *Unido a vós por este anel, consagro-vos todo o meu ser, e doto-vos com todos os meus bens terrestres; em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo. Amen.*

A princeza ouviu estas palavras com tanta commoção, que todos os assistentes se enterneceram. As phrases eram de si ternas e solemnes, mas o príncipe, pronunciando-as, dera á sua voz tal inflexão, puzera nas palavras tal accento, que ninguém o poderia ouvir, segundo asseveraram os que presenciarão o acto, sem sentir enternecimento.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A cidade de Presburgo.

Assentada na margem esquerda do Danubio, em



Cidade de Presburgo.

cujas aguas se espelha, gosa Presburgo de uma situação formosissima, e de muitas vantagens commerciaes, que tira d'aquelle importante rio, um dos mais navegados e de mais longo curso da Europa; e da sua proximidade de Vienna d'Austria, da qual apenas dista umas treze leguas.

Nos tempos em que os húngaros, alentados pelo santo fogo da independencia, e capitaneados pelo celebre Hunyades e outros heroes, enchião o norte da Europa com o brilhante reflexo da sua gloria, despojou Presburgo a cidade de Buda das honras de capital da Hungria.

A sombra do throno dos seus reis cresceu e desinvoluiu-se Presburgo rapidamente. Ornou-se a cidade de bons edificios, e de alguns monumentos respeitaveis; e os seus arrabaldes, já bellos de si pela amenidade e encantos da posição, tornaram-se ainda mais formosos pelos jardins e casas de campo, que ahi se foram construindo, e pela vida e animação, que lhe proveiu da visinhança de um grande centro de povoação.

Os bellos dias de esplendor e grandeza de Presburgo passaram, como tudo passa no mundo. A coroa de ferro de Santo Estevão deixou de adornar a frente de príncipes húngaros para ir cingir a dos imperadores d'Alemanha. A Hungria perdeu a sua independencia, e Presburgo a honra, regalias e proventos de corte, e mais tarde (1784) a prerogativa de capital do reino, que a cidade de Buda reivindicou.

Todavia, apesar d'estes infortunios, e de varias calamidades, que padeceram em diversas epochas em consequencia de guerras, sendo uma das principaes o terrivel bombardeamento feito pelo exercito francez em 1809, esta cidade tem augmentado, e está prospera, graças ás circumstancias apontadas da sua situação geographica.

A maior parte da cidade estende-se em campo plano junto das margens do Danubio. Outra parte sobe pelo dorso de um não muito elevado oitreiro, sobre o qual campêa com garbo e magestade o antigo castello da cidade, residencia outr'ora dos reis da Hungria.

Encerra Presburgo bonitas praças e ruas guardadas de edificios regulares de agradável aspecto. A cathedral é magnifica. Possui um grande collegio, quasi universidade; um gymnasio lutherano, que é o principal do reino; um archi-gymnasio, frequentado por centenas de estudantes; uma academia de sciencias; uma bibliotheca publica, bem provida d'obras antigas e modernas em todo o genero de conhecimentos humanos; varias fabricas etc. A ponte, que ahi communica as duas margens do rio, é grandiosa. No centro do castello ha um poço tão profundo, que apesar da grande altura em que se acha aquelle edificio, alimenta-se das aguas do Danubio, tendo assim uma fonte inexaurivel.

Trigo, vinho, e pannos de linho, são os principaes productos da sua industria agricola e manufactora, e por conseguinte tambem os principaes artigos do seu commercio de exportação. Nas cercanias da cidade, que são terrenos muito férteis, cria-se muito e bom gado. Além d'isto é abastecida de todos os generos necessarios á vida, e dos de regalo, por preços tão commodos, que muitas familias de Vienna, e d'outras mais terras, levada d'esta boa condição se tem ido ali estabelecer.

Os húngaros chamam a esta cidade *Posony*. Os sclavonios dão-lhe o nome de *Pressburch*, e os alemães a denominam Presburgo. Na sua cathedral é onde os imperadores d'Austria costumam celebrar a cerimonia da sua coroação como reis da Hungria. A população de Presburgo excede actualmente a quarenta mil habitantes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A ilha de Labuan.

Entre o numero das ilhas que formam a quinta parte do mundo, existe uma que parece destinada a representar d'aqui a algum tempo um papel bastante importante — é a ilha de Labuan. Situada a trinta milhas ao norte de Borneo, não tem mais de vinte cinco milhas de circumferencia; porém a posição é tão vantajosa, que poderá fazer d'ella uma feliz rival de Singapor.

A superficie d'esta ilha levanta-se, em certos sitios, setenta pés acima do nivel do mar, e está completamente coberta de florestas. Esta massa de vegetação pouco ha sido investigada, e se bem que desconhecida, não se ignora contudo que contém grande numero de plantas, cujos productos são preciosos.

Na visinhança da ilha abunda o mar em pescado de qualidade superior. E a pesca o unico meio que empregam até hoje, para se nutrirem, algumas centenas de habitantes, que formam a sua população.

Os povos que vivem sob o equador, quando o demonio da especulação ainda os não tentou, passam a vida mais sobriamente que podem. O movimento é o seu maior inimigo, e a attitudão curvada, pensativa e apathica do pescador, é a melhor que podem tomar.

O estandarte britânico foi plantado na ilha de Labuan a 24 de Dezembro de 1846, pelo capitão Rodney Mundy, do navio de sua magestade britânica o *Iris*. Esta cerimonia fez sobre os naturaes profunda impressão. O ruido do canhão, as evoluções dos vapores enchião-n'os de supersticioso terror.

Contudo, algum tanto tranquillizados, quizeram compartilhar a alegria dos recém-chegados, e pelas danças e seus exercicios, contribuíram para o brilhantismo d'uma festa que solemnizava a perda da sua independencia.

Ignorantes da civilização, não podiam elles comprehender a importancia que tinha para os invasores a posse da sua ilha, e não presumiam os resultados d'esta filiação ao vasto systema commercial dos povos colonisadores.

A ilha de Labuan é atravessada de numerosas correntes de agua. Só duas manam todo o anno; as outras seccam na estação calmosa. Contudo, em toda a parte da ilha, cavando-se um pouco, acha-se agua potavel, e de mui grato paladar.

Na parte norte ha uma quebrada, e um pequeno valle onde se encontra uma magnifica cascata. A agua corre em baixo sobre um leito de carvão de pedra.

A hulha descobriu-se no leito do Kianga. A posse d'este carvão devia ser para a ilha grande manancia de prosperidade. Provou-se que a qualidade é superior.

Depois, o commandante Heath, querendo certificar-se da extensão dos gisamentos da hulha, penetrou no interior das terras, e confiou aos naturaes amostras que os guiassem nas suas investigações. Ao cabo de alguns dias, os naturaes voltaram, trazendo novas amostras achadas por elles nos bosques. Este carvão era de qualidade pelo menos igual á do carvão inglez, e muito superior ao indiano.

Grças á descoberta d'este precioso mineral, os vapores de ferro, indispensaveis para a suppressão da pirataria, e protecção do commercio, poderão navegar muito tempo n'estes mares, e assegurar a sua missão.

Se, além d'isto, se considerar a posição central da ilha de Labuan, na rota dos navios que commerciam com a China, ver-se-ha que não são exageradas as esperanças de estar destinada a grande fortuna.

O aspecto da ilha é muito pittoresco. Quando se aproxima ao seu littoral septentrional, apparece como uma esmeralda saindo do mar. Os accidentes do terreno, as torrentes, as ribeiras, e as florestas harmonisam-se admiravelmente, e com a rica vegetação da ilha fazem este logar um dos mais deliciosos do globo.

A festa branca.

(EXTRAHIDO DA VIAGEM DE MARCO POLO—1271-1295).

«Os tartaros, e todos os subditos do grā-kan celebram a festa da renovação do anno no mez de Fevereiro. Nesse dia, todos que tem alguns meios vestem fatos brancos; por que estas vestimentas são para elles de feliz presagio e parecem prometter-lhes riquezas, alegria, e prazer para o resto do anno. As nações, provincias e reinos sujeitas ao grā-kan, e todos que d'elle tem dominios, enviam-lhe no dia do anno novo presentes em ouro,

prata, pedras preciosas, e estofos brancos. para que o seu senhor tenha, no decurso d'aquelle anno, a alegria, prazeres, e riquezas que desejar. Os barões, cavalleiros, e a gente do povo fazem o mesmo entre si; trocam presentes, cuja cor seja branca, dizendo uns aos outros: «Que este anno vos seja feliz, e quanto emprehenderdes vos resulte em bem.» Apresentam-se n'esta solemnidade grande numero de cavallos brancos, ou quasi todos brancos, se os não ha inteiramente, enviados de todas as provincias.

«Tambem os habitantes das provincias seguem o costume de mandarem presentes no dia de anno bom ao grā-kan: dão nove vezes o mesmo objecto; assim dar-se-hão nove peças de ouro, nove peças de estofos brancos etc. O numero de cavallos, por quem os offerece, hade ser de oitenta e um. Assim o grā-kan pode receber n'este dia com mil cavallos.

«Tambem vem para a festa branca do anno bom todos os elephants do imperador, em numero de cinco mil; vem ricamente cobertos de estofos de seda, bordados a ouro, com muita arte, figurando passaros e outros animaes. Cada um d'estes elephants conduz sobre as costas cofres com vasos preciosos, e outros objectos do uso da corte. Desfila por diante do grā-kan grande numero de camellos cobertos de estofos de seda, e carregados de muitos objectos necessarios ao sustento da corte. E' um espectáculo maravilhoso de ver.

«Na manhã d'este dia, antes de se armarem as mesas para o festival, todos os reis, duques, condes, barões, cavalleiros, astrologos, medicos, falcoeiros, finalmente todos que tem emprego na corte, e os chefes do exercito, apresentam-se ao imperador no grande salão do palacio. Aquelles que não cabem no salão ficam da parte de fora, mas desortemente o imperador os possa ver. Eis a ordem da precedencia n'esta solemnidade: primeiro os filhos, e sobrinhos do imperador, e todos os príncipes de sangue imperial; depois os reis e duques; e finalmente cada um segundo a sua jerarchia. Quando todos occupam os logares que se lhe designam, um sacerdote se levanta, e brada em voz bem alta: «Prostrae-vos todos.» Todos se inclinam, e prostram por terra. O sacerdote acrescenta: «Deus guarde e salve o nosso imperador por longos annos, e lhe conceda prazer e alegria.» Respondem todos: «Deus satisfaça esse voto.» O sacerdote continua: «Deus augmente e prospere o imperio do nosso augusto soberano, conserve a paz nos povos que lhe são sujeitos, e a prosperidade roime em todas as terras que lhe obedecem.» Responde-se: «Deus cumpra esse desejo.» Assim adoram quatro vezes o imperador.

«Finda esta cerimonia, o sacerdote dirige-se para um altar ricamente ornado, no qual está uma mesa esmaltada, que tem entalhado o nome do imperador; incensa respeitosaemente o altar e a mesa, e todos manifestam grande humildade diante d'aquelle altar que a seu turno vão tambem incensar. Regressando cada um ao seu logar apresentam então os dons de que acima se fallou. O imperador examina os presentes que lhe offerecem: depois preparam-se as mesas para o festim; e os homens e mulheres tomam parte n'elle, segundo sua ordem. Depois da comida, tocam os musicos; os truões, e saltimbancos procuram recrear a corte; depois trazem ao imperador um leão muito domesticado, que se lhe deita aos pés, parecendo proclamar-o assim seu senhor aos olhos de todos. Esta é a maior maravilha da festa; e finda ella todos se retiram.

«O grā-kan tem doze barões, que se chamam *quicitan*, e são os mais chegados ao imperador pela sua jerarchia. Manda-lhes dar, durante esta festa, treze vestidos de diferentes cores: são de grande valor pelas pedras, perolas, e materia preciosa de que se adornam: dá-lhes tambem um cinto de ouro, e calçado de estofos entretedido de prata, mui bello e rico. Assim vestidos, estes doze barões assimilham-se a reis pela magnificencia do vestuario. Em cada festa devem, segundo as ordens imperiaes, trajar um d'aquelles vestidos, da cor que se lhe indicar; o grā-kan veste n'esse dia outro igual, e assim sendo todos treze semelhantes na cor, e comtudo o do grā-kan muito mais rico, e do mais consideravel valor. O grā-kan faz presente d'estes vestuarios completos para dar mais esplendor á festa branca.

Lições para maridos

COMEDIA EM TRES ACTOS

IMITADA DE VERSO HESPAÑOL.

Continuação.

ACTO II.

SCENA XX.

CONDESSA, MICAELA, GENERAL, CONDE, BARÃO, D. EUSEBIO, D. FREDERICO.

GENERAL.

(Dirigindo-se ao barão) Vamos a deslindar esta meada.

CONDESSA.

A occasião, general, parece-me pouco opportuna.

GENERAL.

É optima, senhora condessa: estamos todos ainda vivos!

BARÃO.

Acabavamos de walsar...

GENERAL.

Walsar? Bem, entendo. Mas porque vieram para aqui juntos! Porque motivo desmaiou ella?

BARÃO.

Deixara n'esta sala o seu ramalhete...

CONDESSA.

Mas a que vem ao caso...

BARÃO.

Vinha buscar-o... Agora quanto ao desmaio...

GENERAL.

(Á parte) Sinto-me desfallecer!

BARÃO.

Bem vêem que a sustentei nos braços, como se fôra um novo Atlante.

GENERAL.

Badameco!

BARÃO.

Obrigado, general! Se não estivesse ao pé d'ella, caía desamparada no meio do chão. O que outro qualquer teria feito, com muita mais razão o devia eu fazer, sendo um dos mais fervorosos cultores da philantropia!

GENERAL.

Fica por minha conta dar-lhe lições d'essa sciencia!

CONDESSA.

General!

BARÃO.

Protesto que...

GENERAL.

Aqui está o maldito ramalhete! (levanta-o do chão).

CONDESSA.

(Á parte) Vou apostar que o barão mudou de rumo como o catavento!

GENERAL.

Um bracelete!

D. EUSEBIO.

(Á parte) É o meu! Triste de mim!

GENERAL.

Agora está convicto.

BARÃO.

Como!

GENERAL.

De ser apanhado em flagrante delicto!

D. FREDERICO.

(Á parte) O general perdeu a cabeça!

BARÃO.

Eu... nada mais vejo que o ramalhete...

MICAELA.

(Ao marido, á parte) Cale-se! Cale-se!

CONDESSA.

(Á parte) A acção dramatica vae-se complicando.

BARÃO.

Talvez que ella abraisse os labios para me testemunhar o seu amor, quando...

GENERAL.

E atreve-se!

CONDESSA.

General!

BARÃO.

(Á parte) Nunca homem algum se viu em mais gloriosa situação... (medita em silencio).

CONDESSA.

(Para o general) Não se fie em chimericas apparencias...

D. EUSEBIO.

(Á parte) Quem o diria?

CONDESSA.

(Á parte) Fallará elle verdade!

MICAELA.

(Á parte, a D. Eusebio) Um bracelete posto n'um ramo de flores! E' realmente extraordinario!

GENERAL.

(Para o conde) Quando se vê fumo, ha fogo perto.

CONDE.

Todavia...

BARÃO.

(Á parte) Para que heide eu hesitar? E' tão formosa! Estando sobretudo ali a condessa...

GENERAL.

Falle, que me vae faltando a paciencia!

BARÃO.

O desmaio foi por acaso. Essa linda menina está innocente. E' necessario respeit-a, como as suas virtudes merecem!

GENERAL.

Que diz, homem?

CONDE.

Duvida alguém porventura...

GENERAL.

Não abre a bocca que não diga um disparate!

BARÃO.

(Com enthusiasmo) Estou apaixonado por ella! Amo-a perdidamente, meu general!

GENERAL.

(Fora de si) Com trezentos diabos, tem a petulancia de m'ó declarar na cara!

(O conde e Frederico agarram-se ao general).

BARÃO.

Porque não?

CONDESSA.

(Ao barão) Pois não vê... (fecha a porta do fundo).

GENERAL.

Heide arrancar as entranhas a esse insolente!

CONDE.

Endoideceu!

D. FREDERICO.

Apaixanou-se!

GENERAL.

Sinto-me suffocado!

BARÃO.

E sorri-me a esperanza de que essa interessante menina não seja indifferente ao meu amor!

GENERAL.

(Correndo para elle) Com mil diabos!

BARÃO.

Talvez sympathise comigo, embora não tenha confessado com os labios o que talvez sinta no coração!

CONDESSA.

Repare...

BARÃO.

Em nada devo reparar, uma vez que cumpra o dever de cavalheiro!

D. FREDERICO.

(Á parte) Temos nova asneira!

BARÃO.

Felizmente para mim...

CONDE.

(Á parte) Não o posso entender!

BARÃO.

(Continuando) Esse dever que reputo sagrado é sempre facil, quando se possui um coração terno, communicativo... Sou um titular de Castella...

GENERAL.

Hein!

BARÃO.

Barão de Manzano, e como o meu brasão não tem sombra que o manche, pode fiar-se em mim, general.

GENERAL.

Que diz elle?...

BARÃO.

E terminemos a questão.

Hein!

GENERAL.

BARÃO.

Conceda-me a mão d'essa que soube inspirar-me tão profunda e rápida sympathia!

GENERAL.

(*Fora de si, e sendo contido com difficuldade pelo conde e D. Frederico*). Miseravel!

BARÃO.

Pois acaso sou eu criminoso?

GENERAL.

(*Procurando arrancar-se dos braços de D. Frederico*) Deixe-me! Vou atiral-o pela janella fora!

BARÃO.

Pode-se exigir de mim mais alguma coisa? (*de joelhos*) Dê-me, pae desapiadado, a mão de sua formosa filha!

(*Os que estão presentes não podem suster o riso*).

MICAEIA.

Pae!

CONDE.

Levanto-se, temerario! (*ao general*) Bem hade conhecer o engano em que estava...

BARÃO.

E se m'a recusa, vou tiral-a por justiça!

CONDESSA.

Basta! (*para o general*) E' uma cabeça ôca! (*para o barão*) Não é seu pae.

BARÃO.

Pois não é...

GENERAL.

Qual pae, nem meio pae, sou seu marido!

BARÃO.

(*Perplexo*) Perdão, peço perdão... continue a sel-o com muita saude... Estava enganado... (*á parte*) Metti-me em mais fundo atoleiro. (*alto*) Como podia eu adivinhar! é inverosimil um tal consorcio... (*novo movimento ameaçador do general, reprimido pelo conde*) Isto não é dizer que v. ex.^a não seja digno... de gosar das doçuras do matrimonio... (*á parte*) Foge-me a luz dos olhos (*alto*) Retiro o que disse diante d'esta illustre assemblea, não pode querer mais de mim... Ignorava tudo... Encontrei-me involvido n'um verdadeiro *qui-pro-quo*... São illusões que nos allucinam... Bem vê v. ex.^a todos se riem... Ria tambem, senhor general, que eu o imitarei... (*procura rir-se*) Não se arrengue comigo. Sou um humilde servo de v. ex.^a... (*mirando de relance a condessa, e caminhando para o fundo, á parte*) Corta-me o coração aquelle risinho de escarneo... Continua.

Zelos.

Diz-me porque, maliciosa, tão soberba e desdenhosa me sorriste agora?... Queres tu então, perjura, acabar minha ventura, a dita... d'outr'ora?

D'outr'ora?... e posso dizel-o?... — Não te offende, não te choca esta phrase, esta palavra?... Emmudeces?! — pobre louca! A magua em teu peito lavra,

silenciosa te sustem... Vamos, falla, vida minha: — qual a dôr que te definha que te faz penar tambem?... Em magoado pranto rompes?... — Sim responde... diz, meu bem: que revela essa tristeza que teu rosto empallidece, o pisado d'esses olhos que me dizem que padece a tua alma, o coração? Que diz essa languidez no vago do teu olhar, de teus labios a mudez que me faz arreecer...? Por acaso... oh! desventura! poderás desconfiar do amor que por ti sinto que faz a minha ventura?... ... E choras? dirás que minto... perjuro me chamarás!...

Não, não podes, minha louca... que não deve tua bocca tal alevite proferir, pois serias bem cruel se em paga d'este amor, me desses o acre fel do desprezo que nos rala, que o peito nos vem pungir!...

Mas uma lagrima tua da face pallida e nua resvalando, em minhas mãos, morna ainda, me caiu!... — Choras? oh! arfa-me o peito, que por ti de dôr desfeito arquejando se espedaça... porque mudo não supporta tal martyrio, tal desgraça, que feroz o vem pungir, taes penas, tão forte magoa que por ti me faz sentir!...

Ai! mas que disseste agora?... — Um nome tu proferiste... da purpurea côr da raiva tua face coloriste... parecez dizer — vingança! irada zombar da 'sp'rança, maldizer-me a mim tambem!...

E porque?... Mas extenuada, em vivo pranto banhada, nos braços, esmorecida, me vens tu cair... sem vida quasi!... Sim porque os martyrios

quando topam nos delirios a razão nos amortecem; de noss'alma a força quebram, á loucura dão ensejos, com ella trazem desejos, que vigoram mas fenecem... Em ti tornaste... chorando, e mais: — pedes-me perdão! — Mas de que, meu bem querido?... O que te heide perdoar?... — Não me julguei offendido meu amor... Inda o despeito não avançou n'este peito, inda penas me não deu! — Existindo ao pé de ti seria de sobra injusto, inda mesmo a todo o custo, negar que vivo no ceo!

— Creio em tuas fallas, disse a donzella pudibunda; e o perdão em tom de magoa outra vez, sem que sorrisse, indecisa me rogou. As lagrimas enxugou dos olhos seus; e enleada e tremendo, confessou que tal despeito e azedume, só provinham do cume, d'essa lava, d'esse lume, que por mim mais uma vez em seu peito se ateou.

— Cala-te, lhe disse, louca; silencio, sim... esse pranto que teu lindo rosto alaga, que te quebra o ledo encanto de existencia sem pesares, c'um sorriso teu apaga. — Volve o rosto, dá-me um beijo, e n'este fervido ensejo de tão gratas commoções, expulsemos negra dôr que magoa nossos peitos; e na paz, e na ventura, tranquillos, o nosso amor nós gozemos satisfeitos.

Excesso rude! Prazer não ha no mundo, a meu ver, que não venha misturado c'um espinho e um pesar. — Não ha, não o quer o fado, que exista amor sem ciume, nem ventura sem queixume, existencia sem penar! Abril, 1856.

H. V. D.

Enigma.

O MEU COLETE!

